



ORIENTE MÉDIO

Hamas apela a Trump

Grupo extremista palestino pede ao presidente eleito dos EUA para pressionar Israel a pôr fim à guerra na Faixa de Gaza e aceitar cessar-fogo. Líbano estuda proposta americana de trégua entre o movimento xiita Hezbollah e o Exército judeu

» RODRIGO CRAVEIRO

Eu acho...



Arquivo pessoal

"Trump é um aliado e amigo de Netanyahu. Se há algum denominador comum em seu governo, é o compromisso firme com o premiê de extrema-direita e com sua agenda. Netanyahu prefere manter o status quo em Gaza, com a habilidade israelense para atacar e executar operações militares quando necessário. Um acordo de segurança exige que o Hamas se renda, e seria difícil imaginar um acordo mediado por Trump nas circunstâncias atuais."

Mohanad Hage Ali, vice-diretor de pesquisa do Centro Malcolm H. Kerr Carnegie para o Oriente Médio (em Beirute)

Presidência da Argentina/AFP



Milei celebra "o maior retorno político da história"

Na noite de quinta-feira, o presidente argentino, Javier Milei (C), foi recebido pelo presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump (D), na mansão de Mar-a-Lago, na Flórida. A reunião, seguida de jantar, contou com a presença do chanceler argentino, Gerardo Werthein (E), e do executivo bilionário Elon Musk (o segundo da esquerda para a direita). "Foi o maior retorno político da história, desafiando todo o 'establishment' político, inclusive arriscando a própria vida", disse Milei, ao apresentar Trump no palco. "Graças a isto, hoje o mundo é um mundo muito melhor. Hoje, sopram os ventos da liberdade, sopram com muito mais força", acrescentou o argentino. Elon Musk foi nomeado por Trump como diretor do Departamento de Eficiência Governamental.

concordará ou não, é incerto. No Líbano, os israelenses conquistaram muito do que queriam fazer", explicou ao **Correio**.

De acordo com Miller, um acordo em Gaza exigiria decisões de Netanyahu que poderiam levar o governo ao colapso. "Netanyahu concorda com operações no norte de Gaza. As Forças de Defesa de Israel (IDF) não têm a intenção de abandonar o território. As chances de um acordo em Gaza, antes ou durante o governo de Trump são bem pequenas", afirmou.

O estudioso duvida que Trump pressionará Israel por um cessar-fogo. "Se houver pressão, será pela normalização das relações israelo-sauditas. Netanyahu precisa fazer concessões significativas nesse sentido", acrescentou Miller. Ele aposta que Trump terá outras prioridades no início do mandato: a relação com a China, uma possível trégua entre Ucrânia e Rússia e o foco em temas domésticos, como a deportação de milhões de imigrantes e o indulto para os simpatizantes que atacaram o Capitólio.

Diretor do Projeto de Inteligência do Instituto Brookings (em Washington) e ex-funcionário da CIA, Bruce Riedel concorda. "Trump é o líder mais pró-Israel de todos os tempos, e não irá restringir Netanyahu", disse ao **Correio**. "Netanyahu sabe que um cessar-fogo será seguido por um inquérito sobre como foi pego de surpresa pelo massacre de 7 de outubro."

Alon Ben-Meir, professor de relações internacionais da Universidade de Nova York, assegura que o Hamas sobreviverá,

independentemente da duração da guerra. "Embora Trump possa exercer pressão sobre Netanyahu, ele não será presidente durante os próximos dois meses. Cabe a Joe Biden fazer essa pressão para mudar a posição de Netanyahu", avaliou.

Líbano

O Líbano estuda uma proposta dos EUA para um cessar-fogo na guerra entre Israel e o movimento fundamentalista xiita Hezbollah. O premiê libanês, Najib Mikati, e o

presidente do Parlamento, Nabih Berri, receberam um plano de 13 pontos, que prevê trégua de 60 dias.

Vice-diretor de pesquisa do Centro Malcolm H. Kerr Carnegie para o Oriente Médio (em Beirute), Mohanad Hage Ali explicou ao **Correio** que a meta de Netanyahu no Líbano é possibilitar que Israel faça bombardeios se acreditar que os libaneses não fazem o bastante para conter o Hezbollah. "Isso tornaria o Líbano um protetorado israelense. Tais condições são inaceitáveis para o Hezbollah."

LUTO EM PORTUGAL

Morre Celeste Caeiro, a "Dama dos Cravos"

"Para sempre, a minha avó Celeste. Olha por mim", escreveu na rede social X Carolina Caeiro Fontela, ao publicar a foto ao lado, na versão em preto e branco. Nela, Carolina aparece ao lado de Celeste Caeiro, que segura cravos durante um desfile militar para celebrar o 50º aniversário da Revolução dos Cravos, em Lisboa, em 25 de abril passado. Apelidada de "Dama dos Cravos", Celeste tornou-se símbolo da revolução que pôs fim a 48 anos de ditadura em Portugal, com o golpe de Estado de 1974, e abriu

caminho para a ditadura. Carolina confirmou ao jornal português *Público* que a avó morreu, ontem, aos 91 anos, no Hospital de Leiria, após problemas respiratórios. A netal lamentou que Celeste nunca tenha sido homenageada em vida.

Nascida em 2 de maio de 1933, em uma família humilde em Lisboa, sua vida deu uma reviravolta na manhã de 25 de abril de 1974, quando se dirigia ao restaurante onde trabalhava, no centro da capital. Diante dos acontecimentos políticos, seu chefe decidiu não abrir

o estabelecimento e pediu aos funcionários que voltassem para casa, dando-lhes os cravos vermelhos e brancos que seriam distribuídos aos clientes para celebrar o aniversário do restaurante.

Antes de voltar para casa, Celeste distribuiu os cravos a soldados e transeuntes que encontrava pelo caminho, que os colocaram nos canos de seus fuzis ou nas lapelas. O cravo vermelho se tornou rapidamente o símbolo daquele golpe de Estado sem derramamento de sangue, liderado por jovens oficiais

para derrubar a ditadura fascista que estava no poder desde 1926.

"Tenho um orgulho sem tamanho pelo fato de o meu avô ter sido um dos soldados de abril a receber um cravo das mãos de Celeste. Obrigada a um dos símbolos maiores do nascimento da nossa liberdade", escreveu, no X, a jovem Emelly. Em entrevista ao *Diário de Notícias*, neste ano, Celeste admitiu: "Nunca me passou pela cabeça que, por isso, o 25 de Abril viesse a ser conhecido mundialmente como 'a Revolução dos Cravos'".

Celeste Caeiro segura buquê de cravos, em 25 de abril: gesto histórico



Patricia de Melo Moreira/AFP

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Um fantasma ronda a cúpula do G20

Com exceção de Vladimir Putin, os líderes dos países e organizações que integram o G20 se reúnem segunda e terça-feira, no Rio, na cúpula que encerra a presidência brasileira do grupo. O presidente da Rússia escolheu não vir para poupar o anfitrião de embaraços, já que pesa contra ele o mandado de prisão expedido pelo Tribunal Penal Internacional. Como signatário do acordo que estabeleceu a Corte, o país estaria no dever de cumpri-lo.

Do ponto de vista estritamente diplomático, o desafio diante do presidente Lula e do Itamaraty é costurar uma declaração final que acomode posições divergentes sobre os conflitos na Ucrânia e no Oriente Médio. Desde a invasão russa ao vizinho, em fevereiro de 2022, o encontro anual terminou

sem um texto de consenso.

Em um sentido político — e prático — mais abrangente, no entanto, será outro ausente quem pesará sobre a agenda futura do G20. Donald Trump se instala na Casa Branca em 20 de janeiro. Joe Biden estará por aqui apenas para se despedir: nos próximos dois meses, preside apenas a transição em Washington — e olhe lá...

Parafrazeando a célebre abertura de Karl Marx e Friedrich Engels para seu *Manifesto do Partido Comunista*, Trump será o fantasma rondando o G20.

Clima (in)sustentável

Transição energética, desenvolvimento sustentável e combate às mudanças climáticas estão entre as prioridades bem-sucedidas do comando brasileiro. Foram tema de inúmeras

atividades desenvolvidas ao longo do ano, com organizações e movimentos sociais dividindo com governos e instituições o protagonismo.

A incógnita é quanto à efetividade das iniciativas discutidas, quando um dos maiores emissores de carbono passa a ser governado por um negociante. No primeiro mandato, Trump retirou os EUA do Acordo de Paris contra o aquecimento global, assinado por Barack Obama. Sinalizou que repetirá o gesto tão logo tome posse, anulando a medida contrária de Biden.

Vale o mesmo para outro tema caro ao Planalto, complementar à Aliança Global contra a Fome. A taxação dos super-ricos pode até ganhar aval dos líderes reunidos no Rio. Mais difícil é vislumbrar

a adesão de um governo que tem como expoentes Donald Trump e Elon Musk.

Ecoturismo

Joe Biden, embora constrangido à irrelevância política que o jargão dos EUA batizou como pato manco, aproveitava ocasião para fazer a primeira visita ao Brasil como presidente. Quando foi vice de Obama, entre 2009 e 2017, funcionou como ponte entre a Casa Branca e o Planalto, em especial quando ocupado por Dilma Rousseff.

Na primeira metade do mandato que agora se encerra, o tom das relações com o Brasil foi dado pelo gelo diplomático imposto pela Casa Branca a Jair Bolsonaro. Entusiasta de Trump, ele não apenas o apoiou na tentativa fracassada de se reeleger, em 2020, como fez coro às denúncias — infundadas — de fraude eleitoral lançadas pelo aliado.

Até para marcar diferença com o sucessor, o presidente em

despedida escolheu fazer uma agenda ecológica. Em 2021, um de seus atos inaugurais foi o retorno dos EUA ao tratado ambiental. Biden chega amanhã ao Brasil, mas passa o dia em Manaus, para conhecer a Amazônia. Segunda-feira, no Rio, tem almoço e encontro bilateral com Lula.

A trabalho

Assim como o colega norte-americano, Xi Jinping optou por uma estada mais longa, mas o roteiro escolhido ilustra o contraste entre quem penhora a chuteira e quem arregaça as mangas. O presidente chinês seguirá do Rio para Brasília, em visita de Estado — que tem peso diplomático maior que uma simples visita oficial.

Além da retribuição a Lula, que foi a Pequim em abril de 2023, a vinda de Xi marca os 50 anos de relações entre o Brasil e a República Popular da China. Com o pragmatismo que caracteriza a potência comunista, o visitante

deve explorar oportunidades para investimentos. E insistir no interesse de ter o país associado à ambiciosa Iniciativa Cinturão e Rota, reedição ampliada da milenar Rota da Seda.

Pré-aposentadoria

Por razões distintas de Biden, também o chanceler da Alemanha, o social-democrata Olaf Scholz, chegará ao Rio em clima de adeus. Sob a pressão dos gastos decorrentes do apoio à Ucrânia na guerra contra Putin, o governo de coalizão naufragou, com a saída dos liberais.

Scholz virá acompanhado da ministra de Relações Exteriores, Annalena Baerbock, expoente dos verdes. Eles continuam com Scholz até fevereiro, quando uns e outros devem ser castigados em eleições antecipadas. Desde já, despontam como favoritas a direita dita clássica, democrata-cristã, e a extrema-direita anti-imigração.